

O diálogo pacífico entre o Islã e o Cristianismo durante a quinta cruzada a partir da visita de Francisco de Assis ao sultão Malik al-Kamel

Antônio Marcos Gonçalves Júnior¹

INTRODUÇÃO

As cruzadas foram acontecimentos marcantes na história da humanidade, essas lutas por lugares chamados santos, motivadas por promessas de salvação, mas calcadas em questões políticas e econômicas. Num período onde a compreensão de mundo passava quase exclusivamente pelo religioso, os governos baseavam sua autoridade no direito divino, onde o imaginário social levava parte da população a um medo constante de ser condenada ao fogo do inferno, se submetendo às ordens das religiões.

Tão marcante foi para a história, que até nos dias atuais percebemos um preconceito do Ocidente para com o Oriente, mas também do Oriente para com o Ocidente, acentuado pelo desconhecimento da história dos povos que compõem estes dois grupos e das religiões cristã e islâmica. Preconceito ainda ligado às questões culturais e que perduram há séculos, desde o tempo das cruzadas e suas muitas tentativas de dominação das terras orientais. O desconhecimento do povo em geral permite que o imaginário da guerra santa (cruzada ou jihad) continue vivo em suas mentes com uma nova roupagem, a luta contra o terrorismo. É comum ouvir de ambas as partes a ideia de bem e mal, como se ainda estivéssemos numa luta sagrada, em que os verdadeiros representantes de Deus possuem a missão de exterminar aqueles que infringem às leis descritas no Corão ou na Bíblia.

O Islã não está ligado à prática do terrorismo, mas pequenos grupos fundamentalistas que agem em nome da religião acabam

¹ O autor é Bacharel em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino, 2011, e Licenciado em História pela UEMG, unidade Divinópolis, 2016.

por gerar um preconceito, até mesmo, um medo doentio dos muçulmanos. Os terroristas são, na verdade, grupos contemporâneos que reinterpretaram o Corão, o radicalizam, e fazem uso dele como forma de imporem suas ideologias religiosas. Um dos pontos reavivados por esses extremistas é a ideia da guerra santa, na qual os ocidentais ainda são vistos como cruzados, o inimigo a ser derrotado. Os ocidentais, por sua vez, assumem esse papel que lhes foi dado quando optam, não pelo diálogo, mas pelo conflito e pelo ódio. O medo faz com que o desejo dos ocidentais seja o fim dos muçulmanos e de sua ameaça, quando na verdade, a ameaça vem do terrorismo, e não do Islã.

Este artigo apresenta um momento da história em que podemos perceber que o respeito entre as partes existiu, mesmo que não de maneira geral, mas foi obscurecido pelos relatos dos conflitos. Existiram desvios na história considerada oficial, pequenos momentos, que nos permitem novas reflexões acerca das relações entre cristãos e muçulmanos. Mas antes de falarmos desse momento específico, é preciso compreender algumas questões contextuais que darão base para os fatos. Começemos pelo contexto da Igreja, seus conflitos internos e externos, o surgimento dos mendicantes e, dentro desse grande grupo, o surgimento dos franciscanos.

O CONTEXTO DA IGREJA CATÓLICA E O SURGIMENTO DOS FRANCISCANOS

No século XI, durante o papado de Gregório VII (1073-1085)², assistimos a uma grande reforma em alguns paradigmas da Igreja, a conhecida reforma gregoriana. A partir desta, ocorre um deslocamento das relações entre o papado e as monarquias, uma alteração no centro de gravidade, o poder temporal cede lugar ao poder eclesial. É desenvolvida, pelos pontífices romanos, a teoria da primazia dos papas sobre os imperadores, cresce a ideia da teocracia pontifícia. A Igreja provoca uma mudança na questão das estruturas de poder. Gregório enfrenta o poder secular dos reis e se impõe como poder absoluto, embasado na ideia de que ele representa um Deus absoluto e fonte única de poder.

A reforma promovida por Gregório VII tem como ponto principal a questão da nomeação dos eclesiásticos realizada por leigos,

²MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da Igreja*. Vol I. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1997, p. 250

ou seja, os imperadores indicavam os bispos. Com a retirada desse poder de suas mãos, o imperador perde poder diante dos nobres, pois perde o apoio da Igreja nas pessoas desses bispos indicados. A partir desse momento, sob muitos conflitos, a Igreja consegue liberdade perante o Estado.

Os decretos gregorianos foram mal recebidos. No concílio romano de fevereiro de 1075, Gregório VII os retoma, agregando-lhes um cânone que proibia aos bispos e padres receberem seus cargos das mãos de um leigo: isso significava subverter uma situação de fato quase universal. Algumas semanas mais tarde, vinte e quatro proposições extremamente enérgicas, expressas em termos inabituais, foram inseridas nos registros pontifícios. Tratava-se dos *Dictatus Papae*, onde podiam-se encontrar frases como esta: “A Igreja romana foi fundada unicamente pelo Senhor(...). É-lhe permitido depor imperadores”. E a teoria da supremacia pontifícia encontra a sua codificação.³

Explicando um pouco melhor o contexto, quando o Papa Gregório VII promulga o decreto que proibia a investidura leiga, começa o conflito com Henrique IV, o imperador do Sacro Império Romano Germânico, que ignorará o documento, mesmo sendo ameaçado de excomunhão. O imperador convocará os bispos fiéis, aqueles que foram nomeados por ele, e buscará uma maneira de declarar o pontificado de Gregório ilegal, mas por essa iniciativa receberá a excomunhão da parte do Papa. Percebendo o agravamento da situação, a Igreja retira a excomunhão, mas o conflito entre Igreja e Império já estava aquecido.

Dentro do Império, os príncipes alemães se sentem traídos pelo imperador e nomeiam um “contra-rei”, Rodolfo da Suábia, o que terá como consequência uma guerra interna que chegará ao papado. Para tentar acalmar os nobres e por fim ao conflito, Gregório novamente excomunga Henrique, mas acaba por ser afrontado pelos bispos partidários do Império. Em resposta, Henrique nomeia um antipapa, Clemente III (1080 e 1084-1100)⁴, ampliando o conflito e provocando um cisma também na Igreja. Com as guerras, Rodolfo da Suábia morrerá em batalha, e Gregório VII morrerá no exílio, pois será forçado a fugir de Roma após as investidas

³ PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1982, p. 84-85

⁴ MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da Igreja*. Vol I. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1997, p. 230

de Henrique IV. O imperador será deposto e exilado pelo próprio filho, Conrado, em 1093, que assumirá o trono com o nome de Henrique V. Henrique IV morrerá no exílio.

Essa busca da ruptura entre Igreja e Estado perdurará até 1122, quando o Papa Calisto II (1119-1124) e Henrique V assinam a Concordata de Vörmia.⁵ Esse documento tentava conciliar o interesse das partes, sendo também uma primeira tentativa de delimitar as competências, os direitos e poderes de cada um. Explicando, o bispo, como vassalo, deveria se submeter ao imperador, mas como liderança espiritual estava submetido exclusivamente ao Papa.

A partir desse curto relato do contexto dos séculos XI e XII, podemos perceber quão conflituosa era a relação entre Igreja e Estado, mas também toda a influência do âmbito religioso no andamento da sociedade. O imaginário medieval passava a ideia de que nossa realidade era a presença de um reino celestial na terra, mas uma imagem imperfeita desse reino. Nessa concepção, a Igreja assumia o papel de presença material, mas ao mesmo tempo misteriosa do divino. Não era possível separar a realidade humana da divina, pois o homem medieval via intervenção direta de Deus em todas as situações, fosse como bênção ou como punição. Havia, ainda, a questão de ordem: quem interpretava a vontade de Deus para os homens? A Igreja e, como representante maior da instituição, o Papa.

O ápice desse poderio da Igreja se dá com o papa Inocêncio III (1198-1216)⁶, homem de grande conhecimento jurídico, quando ele impõe e defende a teocracia pontifícia, ou seja, existem dois poderes no mundo, o de governar as almas e o de governar os corpos, um está nas mãos do papa e o outro nas mãos dos reis, a grande questão é que dentro da compreensão da teocracia pontifícia, a segunda está submissa à primeira. O papa é o senhor do mundo. O poder temporal, o poder dos imperadores e dos reis, não possui um significado independente, mas está submisso ao poder espiritual e existe unicamente em função do primeiro.

Nesse momento da história a Igreja se encontra no seu apogeu de riquezas e domínios, sendo a maior possuidora de terras na Europa.

No início do século XIII a Igreja aparece como poderosa. Na verdade, representa um enorme poder temporal. Bispos e mosteiros cobrem a Europa solidamente instalados em imensas propriedades de terra. Bispos e abades são verdadeiros

⁵ Idem. Op.cit. p. 232.

⁶ Ibidem. Op.cit., p. 250

senhores feudais. João Lotário tornou-se Papa sob o nome de Inocêncio III. Em seu reinado o papado é o árbitro do mundo. Para tanto dispõe de poderosa arma: a excomunhão que, atingindo os príncipes, faz com que seus súditos não estejam mais obrigados a guardar o juramento feito.⁷

Inocêncio III conseguiu iniciar a organização da Cúria Romana, um órgão administrativo central que até então não existia, e a elaborar de forma sistemática o Direito Canônico, dispondo assim de um sistema jurídico, o que abrirá caminho para que a Igreja adentre em todos os aspectos da vida social. A instituição manteve uma linha conservadora de administração, optando por não interferir na organização social, argumentando que as “classes” apenas refletiam uma vontade divina. Falamos de um período onde o acúmulo de riquezas é visível, o Papa possui um poder incomparável e as catedrais magníficas mostram o esplendor da Igreja.

É nesse período que muitos grupos se separam da Igreja e propagam um discurso contra a mesma embasado no próprio Evangelho, buscando um retorno à Igreja primitiva. Durante a história da humanidade a questão da riqueza da Igreja não gerou tantos conflitos como o fez na Idade Média. Diante de uma sociedade em que a posse da terra dava aos senhores o poder sobre os homens, uma Igreja rica em ouro e propriedades era considerada por muitos uma afronta a tantas pessoas oprimidas pelo sistema.

Seitas de “pobres” intransigentes, virulentas e amiúde insólitas, começaram a proliferar na Europa mais ou menos bem cristianizada, mais ou menos bem cuidada pelo clero. Durante mais de quarenta anos, na primeira metade do século XII – depois de um Tanchelin e de um Pedro de Bruys –, ecoaram na Europa as maldições de um padre de Bréscia, Arnaldo. Nas cátedras de Bréscia, Paris, Zurique e até Roma, ele reclamava a supressão de toda propriedade eclesiástica e vociferava contra os padres dissolutos e os bispos cúpidos; porém, acusando o austero Papa cisterciense Eugênio III de “engordar sua carne e encher sua bolsa”, ele ultrapassa as medidas. Aceitando chefiar a comuna de Roma, Arnaldo de Bréscia foi entregue a Adriano IV ao braço secular, sendo decapitado. Mas deixou seus discípulos, os “lombardos”.⁸

⁷ LECLERC, Eloi. *Francisco de Assis: O retorno ao Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 44

⁸ PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1982, p. 100

Além dos Lombardos, encontram-se os Cátaros, Albigenses, Pobres da Lombardia, Valdenses, Pobres Católicos e outros⁹, todos pregando a pobreza como caminho espiritual e condenando a Igreja como instituição depravada. Tinham como objetivo um retorno à Igreja primitiva, pregavam um anticlericalismo, alguns mais radicais eram contra as missas e outras práticas sacramentais. Alguns desses grupos farão sua oposição através do discurso e outros pela violência, atacando igrejas e matando membros do clero.

Nesse contexto, também surgem as ordens mendicantes, grupos de religiosos que também defendiam uma pobreza embasada no Evangelho, mas que buscaram se manter féis à Igreja. Serão elas que ajudarão no enfrentamento dos grupos considerados hereéticos. Dentre as mais conhecidas, podemos citar os dominicanos, os agostinianos reformados e os franciscanos, ordem à qual este texto dedica-se com mais atenção.

Os franciscanos, ou frades menores, nome dado pelo fundador Francisco de Assis, tinham como ideal de vida a simplicidade, buscando levar uma vida baseada na pobreza e na vivência da fraternidade. Esses homens buscam a radicalidade do Evangelho, o seguimento de um Cristo pobre e humano, contrapondo as riquezas do mundo, e da Igreja, mas sem o afrontamento, como os grupos radicais citados anteriormente. Os frades, seguindo Francisco de Assis, querem levar a proposta cristã a todos os cantos, inclusive aos territórios não cristãos, como as terras islâmicas, mas com uma diferença, através do diálogo pacífico.

Por isso, se algum irmão quiser ir para o meio dos sarracenos e outros infiéis, vá com a licença de seu ministro e servo. E o ministro dê-lhes a licença e não lhes oponha objeção, se vir que são idôneos para serem enviados. [...] Os irmãos que vão, no entanto, podem de dois modos conviver espiritualmente entre eles. Um modo é que não litiguem nem porfiem, mas sejam submissos a toda criatura humana por causa de Deus (1Pd 2,13) e confessem que são cristãos. Outro modo é que, quando virem que agrada a Deus, anunciem a palavra de Deus, para que creiam em Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo (Mt 28,19).¹⁰

⁹ Idem. Op.cit., p. 48

¹⁰ Regra não bulada da Ordem dos Frades Menores. Capítulo XVI. Apud TEIXEIRA, Celso Márcio (Org). *Fontes Franciscanas*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 176.

A fraternidade que esses homens buscam é universal, compreendem que todas as coisas e seres são criaturas de Deus, por isso merecem respeito e cuidado. Francisco de Assis traz a mensagem da vida fraterna, mostra o valor do irmão, que para ele são todas as pessoas e seres que habitam o planeta, todos são provenientes de um mesmo criador, Deus. Dentro de sua compreensão teológica, ele percebe que Deus se revela na fraternidade, os irmãos ajudam a perceber os caminhos que conduzem ao bem, e é através da fraternidade que se pode combater o sistema que esfria as relações humanas. Os franciscanos compreendem que devem amar como mães, amar o outro até o fim, fazer pelo outro o que gostariam que fossem feito a eles, além disso, é preciso tomar a iniciativa, abrir-se quando os outros se fecham, ser alegre quando os outros estão tristes, ser atencioso quando os outros só pensam em si. Assim Francisco admoestava seus frades:

Diz o Senhor: “Amai vossos inimigos, fazei o bem àqueles que vos odeiam, e orai por aqueles que vos perseguem e caluniam” (Mt 5,44). Amareis verdadeiramente ao seu inimigo quem não se lamenta por causa da injúria que este lhe faz, mas, por amor de Deus, se consome por causa do pecado de sua própria alma. E “mostre-lhe por obras” (Tg 2,18) o amor.¹¹

É importante compreender quem são os frades menores e sua espiritualidade, perceber a importância que davam, e dão até os dias atuais, à ideia de fraternidade universal, para que se possa compreender o que foram fazer em terras muçulmanas. O ato de Francisco – de ir humildemente, colocar-se como igual diante do sultão – mesmo não colocando fim à guerra, gerou um respeito entre as partes que percorreu os séculos, sendo que ainda hoje muçulmanos e franciscanos possuem boas relações.

CRUZADA OU JIHAD: UMA GUERRA SANTA

Adentrando agora a questão das cruzadas num panorama mais geral, muitos resumiriam dizendo se tratar de expedições de cunho militar, com caráter religioso e o intuito de enfrentar os inimigos da cristandade, no caso, os muçulmanos, mas essa é uma explicação muito aquém da realidade complexa do período de

¹¹ *Admoestações*. Número IX. *Apud* TEIXEIRA, Celso Márcio (Org). *Fontes Franciscanas*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 99.

conflitos vividos pelo cristianismo durante o período medieval. Lembrando que o termo cruzada é ocidental, utilizado pelos cristãos. O historiador Andrew Wheatcroft, em seu livro “Infiéis”, nos ajuda a pensar, primeiramente que o termo cruzada é posterior ao primeiro evento em si. O chamado feito pelos papas era para uma guerra santa, era preciso lutar contra aqueles que são inimigos de Cristo. E segundo, é interessante saber que essas guerras foram travadas não apenas contra muçulmanos, mas contra outros grupos considerados heréticos, como os albigenses, na região da Provença, e outros grupos dissidentes.

Mas a primeira categoria – guerra contra o infiel muçulmano – sempre foi popularmente considerada como a verdadeira guerra “para e pela cruz”. A guerra santificada era uma inovação dentro da Igreja cristã, que durante séculos havia lutado para impor a paz de Deus sobre os adversários.¹²

Para a Igreja cristã era preciso combater todos aqueles que colocassem a fé, ou a instituição, em risco. Segue trecho da fala de Urbano II quando conclama os cristãos à luta contra o Islã:

Que aqueles dentre vós que antes estavam acostumados a lutar perversamente em guerras particulares contra os fiéis lutem contra os infiéis e ponham um vitorioso termo à guerra. (...) Que aqueles dentre vós que até agora foram ladrões se transformem em soldados. Que aqueles dentre vós que antes lutavam contra seus irmãos e parentes agora combatam os bárbaros como convém combatê-los.¹³

As cruzadas apontam todo o imaginário da cristandade e precisam estar bem situadas em seu contexto para que sejam bem compreendidas. É preciso dizer também que a questão religiosa não foi o único motor para as guerras, mas os interesses políticos e financeiros também motivaram alguns reis a se juntarem nas investidas.

Para uma boa compreensão da ideia de cruzada é preciso entender como muçulmanos também pensam essa questão. Wheatcroft também nos ajuda nesse ponto, quando, no mesmo livro, nos afirma que o Islã já possui uma compreensão de guerra santa

¹² WHEATCROFT, Andrew. Infiéis: O conflito entre a Cristandade e o Islã, 638 – 2002. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 210

¹³ Idem. Op.Cit., p. 210-211

bem formada, mesmo antes do enfrentamento com os cristãos. O jihad é essa batalha que deve ser travada contra o mal, sempre na busca das coisas boas.

Juristas muçulmanos tinham apresentado uma divisão do mundo em duas partes – uma era a Casa da Paz (Dar ul Islam), onde um verdadeiro soberano islâmico governava, e a outra era a Casa da Guerra (Dar ul Harb), onde o Islã não estava no poder. Os muçulmanos deviam empenhar-se para assegurar que a Paz tomasse o lugar da Guerra.¹⁴

O jihad para o Islã é compreendido de duas maneiras. A primeira, como o grande jihad, que designa a luta interna, pessoal, contra as tentações, numa busca da vida correta e endireitada aos princípios do islamismo. A segunda, como o pequeno jihad, que é compreendida num sentido militar, no intuito de defender a fé e as terras de seus inimigos. Mas uma coisa deve ficar clara, o Islã considera a guerra algo negativo, ruim, que deve ser evitada, sendo permitida apenas quando a luta seja por algo considerado realmente bom e justo. Após a grande expansão do Islã nos primeiros séculos, e com as primeiras investidas do ocidente, os muçulmanos passaram a entender a jihad como atitude de defesa.¹⁵

Alguns nomes são muito importantes durante as guerras contra cristãos, um desses personagens é Nureddin. Ele incitará vários ulemás, homens das leis islâmicas, a escrever sobre a Cidade Santa, e organizará sessões de leitura nas mesquitas e escolas. Sua imagem era de homem piedoso, reservado, justo, cumpridor da palavra dada e totalmente devotado ao jihad contra os inimigos do Islã.

A partir das ideias do jihad para os muçulmanos e das cruzadas para os cristãos, podemos perceber que na teoria ambos tinham uma compreensão parecida sobre lutar por algo que seja bom e justo. Na prática, quando os confrontos foram travados, o que se viu foi sangue sendo derramado de forma violenta e, em muitos casos, sem justificativa que pudesse ser aceita.

Apenas para questão de localização no tempo, considerando que o evento escolhido para ser tratado nessa pesquisa se situa na quinta cruzada, cita-se o período de cada uma das nove investidas cristãs em terras islâmicas. Em 1095, o papa Urbano II convoca a

¹⁴ Ibidem. Op.Cit., p. 211

¹⁵ HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.164

primeira investida para terras orientais, conclamando que os lugares santos fossem libertados dos bárbaros muçulmanos, e a partir daí foram dois séculos de conflitos: Primeira Cruzada (1096-1099); Segunda Cruzada (1147-1149); Terceira Cruzada (1189-1192); Quarta Cruzada (1202-1204); Quinta Cruzada (1217-1221); Sexta Cruzada (1228-1229); Sétima Cruzada (1248-1254); Oitava Cruzada (1270); Nona Cruzada (1271-1272).

Como já explicitado, esta pesquisa está focada na quinta cruzada, ocorrida entre 1217 e 1221, mais precisamente na região de Damietta, no Egito, então sultanato de Malik al-Kamel¹⁶, da dinastia dos aiúbidas, sobrinho de Salaheddin, conquistador de Jerusalém¹⁷. Esta cruzada foi proposta pelo papa Inocêncio III (1198-1216)¹⁸ com o intuito de retomar a cidade santa de Jerusalém, mas conduzida por Honório III (1216-1227)¹⁹, pois o primeiro veio a falecer antes de ver sua investida acontecer. A marcha dos cristãos foi conduzida por João de Brienne²⁰, Cardeal Pelágio²¹ e Frederico II, Imperador do Sacro Império²². Os cruzados acreditavam que para se reconquistar Jerusalém era preciso, primeiro, conquistar o Egito, que naquele momento estava ligado ao controle da região de Israel. O caminho seria tomar a cidade de Damietta, tomar a capital Cairo, e então marchar para Jerusalém.

Em 1210, o reino de Acre cabe, devido a um casamento, a Jean de Brienne, um cavaleiro de 60 anos recentemente chegado do Ocidente. Ainda que esteja resignado a renovar a trégua por cinco anos, em julho de 1212, ele não deixa de enviar mensageiros ao papa para que este se apresse em acelerar os preparativos de uma poderosa expedição, de modo que consiga dirigir uma ofensiva no verão de 1217. De fato, os primeiros navios peregrinos armados atingem Acre um pouco atrasados,

¹⁶ MAALOUF, Amin. *As cruzadas vistas pelos Árabes*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 209 (Assume o sultanato do Egito em agosto de 1218, após a morte de seu pai Al-Adel, em meio à investida cristã.)

¹⁷ Idem. Op.cit., p. 186-187.

¹⁸ MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à História da Igreja*. Vol I. 5ª edição. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1997, p. 259

¹⁹ Idem. Op.cit., p. 262

²⁰ MAALOUF, Amin. Op.cit., p. 208 (Cavaleiro responsável pela cidade de Acre, cidade portuária vizinha a Tiro e último reduto cristão em terras muçulmanas.)

²¹ Idem. Op.cit., p. 210 (Cardeal espanhol nomeado por Honório III para estar à frente das tropas cristãs durante a cruzada.)

²² Ibidem. Op.cit., p. 210

no mês de setembro. Logo são seguidos por centenas de outros. Em abril de 1218, uma nova invasão franca começa, tendo por meta o Egito.²³

AL-KAMEL E FRANCISCO: UM DIÁLOGO PACÍFICO

Mas quem foram Malik al-Kamel e Francisco de Assis? Antes de continuar, é preciso conhecer quem foram estes homens para que tenhamos condição de refletir sobre suas atitudes.

No Oriente, entre os séculos XI e XII, os povos muçulmanos viviam um contexto de conflito interno, cada sultão tentando ampliar seu sultanato, cada cidade tentando se impor sobre a outra. As cidades islâmicas tinham certa deficiência no sentido estrutural de seu governo, pois não havia uma continuidade, o que dificultava a organização. Cada cidade, quando da morte de um sultão, entrava em atrito quanto à sucessão. Filhos, irmãos, tios e sobrinhos, todos disputavam o trono.

Além dessa realidade, tem-se o fato específico de Constantinopla, cidade cristã, governada por Aléxis Comneno, que quer reconquistar Nicéia das mãos do sultão Kilij Arslan. Aléxis contrata mercenários francos para lutar por ele, e assim, começa a chegada de cristãos europeus. Como resultado, tem-se um levante de cristãos chegando e encontrando um Oriente muçulmano ainda sem unidade. Em pouco tempo, os francos começaram a avançar, não sob comando de Constantinopla, mas já por conta própria, dominando algumas cidades orientais.

Um nome de grande importância para os muçulmanos, e nossa contextualização, é Salaheddin Yussef, conhecido no ocidente como Saladino, pois foi sultão do Egito e conquistador da cidade de Jerusalém. Ele conseguiu unir as cidades muçulmanas para investir contra os cristãos. Era considerado homem justo e bom pelos seus. Sempre afável com seus visitantes, insistia para que comessem, tratando sempre com honras, satisfazendo a todos, mesmo que fossem infiéis. Era um homem que não gostava de derramamento de sangue, e quando da conquista de Jerusalém, em outubro de 1187, concede um salvo conduto a todos os cristãos, para a cidade mais próxima, Tiro.

Seus emires e soldados recebem ordens rigorosas: nenhum cristão, seja franco ou oriental, deve

²³ MAALOUF, Amin. Op. cit., p. 208

ser incomodado. De fato, não haverá massacre nem pilhagem. Alguns fanáticos exigiram a destruição da igreja do Santo Sepulcro como forma de represália contra os rigores cometidos pelos franj, mas Saladino os coloca em seus devidos lugares. Muito pelo contrário, ele reforça a guarda nos lugares do culto e anuncia que os próprios franj poderão vir em peregrinação quando quiserem. Bem entendido, a cruz franca, instalada na cúpula do Rochedo, é recolhida; e a mesquita Al-Aqsa, que tinha sido transformada em igreja, se torna um lugar de culto muçulmano, depois que seus muros foram aspergidos com água de rosas.²⁴

Alguns anos após a conquista, Salaheddin adoece e morre, e o reino entra em disputa. Seu sobrinho Malik al-Kamel, junto com seus irmãos, assumem o reino e sua defesa, cada qual uma parte. Será al-Kamel que tentará negociar com os venezianos, mas estes eram por demais gananciosos e não aceitaram qualquer proposta. Serão eles a atacar Constantinopla, uma cidade cristã, e provocar uma carnificina, além da destruição da mesma e de muitos objetos importantes do culto à arte.

Malik al-Kamel Nasir ad-Din Muhammad nasceu no ano de 1180, era filho de Malik al-Adil Sayf ad-Din, e, como já mencionado, sobrinho de Salaheddin, o conquistador de Jerusalém. Al-Kamel era ainda criança quando seu tio, com a ajuda de seu pai, reconquista a cidade santa para o Islã. Seu pai foi um general influente, com grande talento para a diplomacia. Essa característica será herdada por al-Kamel e também por seus irmãos, pois al-Adil, quando entregou parte do reino ao governo dos filhos, os instruiu a governar com sutileza, evitando as guerras. Dado importante quando pensarmos, mais à frente, sobre a postura do sultão diante da visita de um cristão em plena cruzada.

Al-Adil nomeou seu filho mais velho, al-Kamil, então com vinte anos, como vice-rei do Egito. O segundo filho, Al-Mu'azzam Isa Sharaf ad-Din, foi nomeado vice-rei de Damasco; um outro filho, Al-Ashraf Musa Abu'l-Fath al-Muzaffar ad-Din passou a controlar Jezire, uma área localizada no norte do Iraque de hoje. De acordo com o historiador medieval Taqi ad-Din al-Maqrizi, os filhos de al-Adil eram motivo de muita satisfação

²⁴ MAALOUF, Amin. *As cruzadas vistas pelos Árabes*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 185.

para ele, pois seguiam seus passos em sua perspicácia e instinto como forma de atingir seus objetivos sem necessidade de guerra, sempre que possível. Segundo escreveu al-Maqrizi, al-Adil ensinou seus filhos que era sempre melhor utilizar de sutileza contra o inimigo do que arriscar a cabeça numa batalha.²⁵

O vice-rei e depois sultão do Egito, Malik al-Kamel, foi considerado um bom governante, preocupado com seu povo, e com grande intuição para o comércio. Em 1201, quando o Nilo não transbordou, a agricultura não se desenvolveu e a fome se tornou um problema, al-Kamel soube lidar com a situação, conduziu o povo pela crise, construiu barragens, aprimorou a irrigação e reverteu o cenário.²⁶ No ano seguinte, 1202, seu pai o recomenda que invista no comércio com a Europa, não sabendo que essa seria a porta de entrada para a chegada de cristãos.

Em 1202, ele recomenda a seu filho al-Kamel, “o Perfeito”, vice-rei do Egito, estabelecer negociações com a pacífica república de Veneza, principal potência marítima do Mediterrâneo. Os dois Estados falam a linguagem do pragmatismo e dos interesses comerciais, e um acordo é rapidamente firmado. Al-Kamel garante aos venezianos o acesso dos portos do delta do Nilo, assim como Alexandria e Damietta, e lhes oferece toda a proteção e assistência necessárias e, em troca, a República dos doges promete não sustentar nenhuma expedição ocidental contra o Egito.²⁷

Al-Kamel, pensando os ganhos do comércio não imaginava que enquanto esse tratado era assinado os venezianos assinavam outro, garantindo o transporte de tropas francas para o oriente. Ele se tornará sultão do Egito após a morte de seu pai, em agosto de 1218, já em guerra contra os cristãos, depois que a cidadela portuária que antecede Damietta é tomada pelos Francos.²⁸ Um início conturbado de sultanato, mas que alcançará estabilidade.

Francisco nasceu em 1182 na cidade de Assis, região da Úmbria,

²⁵ MOSES, Paul. *O Santo e o Sultão - As Cruzadas, o Islã e a Missão de Paz de Francisco de Assis*. São Paulo: Acatu, 2010, p.82-83.

²⁶ *Idem Op.Cit.*, p.86.

²⁷ MAALOUF, Amin. *As cruzadas vistas pelos Árabes*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 206.

²⁸ *Idem Op.Cit.*, p. 209.

Itália, num período em que a burguesia se fortalecia, uma época em que os comerciantes buscavam um sonho de liberdade, constituindo as comunas (associações), saindo das mãos dos senhores feudais. Com esse novo *modus* que emergia, a terra não era mais o único indicativo de poder, mas o dinheiro, que passava a ser o meio para realização do comércio, também ganhava essa característica. Já não era rico apenas aquele que possuía muitos campos, mas também aquele que possuía muito ouro, muitas moedas.

É importante frisar que as comunas possuíam um ideal de igualdade, diferente do feudalismo que era regido por uma estrutura hierárquica, um homem é vassalo de outro homem. Dentro das cidades, acreditava-se que a administração seria igualitária, os impostos seriam proporcionais e tudo direcionado à liberdade, mas não foi o que aconteceu, os homens se tornaram mais uma vez vassalos, porém, do dinheiro. Os ricos é que governavam, os cargos de prelado, juiz e outros importantes, giravam nas mãos sempre dos mesmos. A pobreza da maioria aumentava, a exclusão social, o número grande de pessoas que se tornavam “escravas” por não conseguirem pagar suas dívidas, no fim, o sonho de liberdade não mais existia.

Francisco era rico, fazia parte do grupo de comerciantes, junto com seu pai Pedro Bernadone, possuía uma grande loja de tecidos, além de muitas outras propriedades, e foi neste contexto que repensou sua vida. Mas é importante saber que, mesmo sendo comerciante, Francisco tinha ares da nobreza, sonhando em se tornar cavaleiro.

A característica mais interessante é que esse filho de comerciante, por um reflexo natural à nova geração de seu grupo social, procurava levar um ritmo de vida cavaleiroso, imitando o comportamento dos nobres mais que praticando as virtudes e os defeitos da burguesia comercial. Se era, em verdade, “hábil nos negócios”, era sobretudo um “grande gastador”. A prodigalidade, eis o que o aproximava dos nobres. Tomás de Celano, que o trata de “muito rico”, reconhece também que a fortuna de que dispunha graças ao pai era inferior à da maior parte dos nobres: “mais pobre em bens, era mais generoso em prodigalidade”.²⁹

Diante de seus ideais de comuna, de liberdade, mas ao mesmo

²⁹ LE GOFF, Jacques. São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 59-60.

tempo com o ardor de um cavaleiro, Francisco se volta para os mais pobres, excluídos, leprosos e sob inspiração do Evangelho, enxerga ali a possibilidade de uma verdadeira fraternidade. Percebendo que todos estavam dominados pela ganância, inclusive a Igreja que, como já foi dito, na época já era extremamente rica, Francisco faz sua opção e abraça a pobreza como modelo de vida, recusa de todas as formas o dinheiro, fonte da desigualdade que aumentava.

O “pobre de Assis”, como ficou conhecido na Europa em seu tempo, almejando levar a todos o que havia encontrado, a vida fraterna pautada na simplicidade, sai em sua jornada para espalhar a mensagem de paz a todo o mundo, inclusive aos muçulmanos.

Conhecendo um pouco mais de al-Kamel e Francisco, voltamos à quinta cruzada. A cidade de Damietta foi palco de inúmeros confrontos entre cristãos e muçulmanos, mas também de diálogos pacíficos entre os frades franciscanos e esses mesmos muçulmanos. O fundador dos frades menores, Francisco de Assis, se dirigiu para Damietta no ano de 1219, almejando converter muçulmanos ou alcançar a morte em nome de Cristo.

Em 1219, entretanto, Francisco retoma seu velho desejo: ir aos infiéis, convertê-los ou sofrer o martírio. Embarcado em Ancona a 24 de junho, assistiu à tomada de Damietta pelos cruzados a 5 de novembro, desgostou-se com o comportamento cúvido e sanguinário dos cruzados, conseguiu uma entrevista com o sultão Malik al-Kamil da qual nada resultou.³⁰

Diante de tanto sofrimento acaba por buscar um encontro com o sultão, como podemos ver nesse trecho de carta redigida por um bispo da Igreja católica, Jacques de Vitry, que se encontrava em Damietta junto ao exército cristão durante seu cerco. Francisco acredita que o diálogo seja o caminho para se alcançar a paz, e a partir daí a conversão dos muçulmanos.

Vimos que o primeiro fundador e mestre desta Ordem - a quem todos os outros obedecem como a seu prior geral -, homem simples e iletrado, amado por Deus e pelos homens, chamado frei Francisco, foi levado a tal excesso de ebriedade e fervor de espírito que, quando chegou ao exército dos cristãos diante de Damietta na terra do Egito,

³⁰ Idem Op.Cit., p. 83,

se dirigiu intrépido e munido com o escudo da fé ao acampamento do sultão do Egito. [...] Tendo-o levado à presença dele, vendo-o cruel animal, convertido em mansidão na presença do servo de Deus, por alguns dias o ouviu muito atentamente pregar a si e aos seus a fé em Cristo. [...] Ordenou que fosse reconduzido com toda a reverência e segurança ao acampamento dos nossos. [...] Os sarracenos ouvem de bom grado os mencionados frades menores todo o tempo que pregam sobre a fé em Cristo e a doutrina evangélica, enquanto não contradizem manifestamente com sua pregação a Maomé como a um mentiroso e pérfido.³¹

A visita empreendida por Francisco ao sultão Malik al-Kamel, passando muitos dias³² como seu hóspede, tratando tanto de assuntos da fé como de alternativas para o fim da guerra, nos mostra que o conflito não era uma realidade e um desejo homogêneo, deixa claro que haviam cristãos e muçulmanos que acreditavam na possibilidade da paz pelo diálogo. Mesmo tendo ido ao mundo muçulmano querendo converter seu inimigo, afinal esse era o imaginário do período, converter todos os infiéis ao cristianismo, Francisco se angustia com o horror da guerra e quer seu fim.

Se dirigindo ao sultão pacificamente, demonstrando respeito, indo contrário à visão cristã dos muçulmanos que podemos perceber no trecho do documento acima que trata o sultão por “cruel animal”, acaba por ser respeitado e acolhido. O diálogo gera receptividade, abertura, admiração. Vários trechos de documentos escritos por contemporâneos de Francisco nos permitem visualizar esse encontro e o teor das conversas.

Quando eles chegaram diante do sultão, eles o saudaram; o sultão saudou-os também. (...) depois, o sultão lhes disse que, se eles quisessem morar com ele, ele lhes daria grandes terras e grandes possessões. (...) o sultão lhes disse que de boa vontade os faria conduzir a salvo ao acampamento dos cristãos. Depois disso, mandou trazer-lhes ouro, prata e tecidos de seda em grande

³¹ *Testimonia minora saeculi XIII – Collectanea Philosophico-Theologica*, vol. III, 1926, p. 79-84 *apud* TEIXEIRA, Celso Márcio (org). *Fontes Franciscanas*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 1426.

³² Carta escrita em Damietta em fevereiro ou março de 1220 *apud* TEIXEIRA, Celso Márcio (Org). *Fontes Franciscanas*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 1426.

quantidade e mandou que eles tomassem aquilo que quisessem. (...) O sultão mandou dar-lhes comida em abundância; eles se despediram do sultão, e ele os mandou conduzir a salvo até ao acampamento dos cristãos.³³

Os gestos de humildade de Francisco, de colocar-se aberto para dialogar, abriram as portas do oriente para ele e seus frades. Num trecho da regra não bulada³⁴ dos franciscanos encontramos uma recomendação de como os frades deveriam se portar em terras sarracenas.

Por isso, se algum irmão quiser ir para o meio dos sarracenos e outros infiéis, vá com a licença de seu ministro e servo. E o ministro dê-lhes a licença e não lhes oponha objeção, se vir que são idôneos para serem enviados; pois deverá prestar contas (cf. Lc 16,2) ao Senhor, se nisto ou em outras coisas proceder de modo indiscreto. Os irmãos que vão, no entanto, podem de dois modos conviver espiritualmente entre eles. Um modo é que não litiguem nem porfiem, mas sejam submissos a toda humana criatura por causa de Deus (1Pd 2,13) e confessem que são cristãos. Outro modo é que, quando virem que agrada a Deus, anunciem a palavra de Deus, para que creiam em Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19), Criador de todas as coisas, no Filho redentor e salvador, e para que sejam batizados e se tornem cristãos, porque quem não renascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino de Deus (cf. Jo 3,5).³⁵

Esse capítulo da regra não bulada dos frades nos aponta outras questões interessantes que não devem passar despercebidas. A primeira delas é que Francisco quer a conversão dos muçulmanos, pois como medieval, europeu, cristão, ele entende que esse é o único caminho religioso possível. Outra questão é a necessidade de se assumir enquanto cristão, ou seja, o diálogo deve ser iniciado de forma honesta, apresentando quem você realmente é. A

³³ Chronique d' Ernoul et de Bernard Le Trésorier, c. 37. In Golubovich, *BBT I*, p. 12-13 *apud* TEIXEIRA, Celso Márcio (Org). *Fontes Franciscanas*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 1429-1430.

³⁴ Regra reconhecida no capítulo da Ordem dos Frades Menores de 1221, mas não aprovada.

³⁵ Regra não Bulada Cap. XVI *apud* TEIXEIRA, Celso Márcio (Org). *Fontes Franciscanas*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 176.

submissão é outra questão muito clara que Francisco coloca para seus frades, afinal, ele entende que apenas dessa maneira você consegue quebrar os preconceitos, é reconhecendo o outro como pessoa que o diálogo acontece. O discurso religioso é a última recomendação de Francisco e deve ser realizado somente quando perceberem que o momento é propício, ou seja, deve aproximar e não ofender. Francisco entende que o testemunho de vida converte mais do que as palavras.

A regra bulada dos frades, aprovada em 1223, manteve o capítulo sobre os que gostariam de ir para entre os sarracenos, mas com algumas alterações, nada que mudasse seu teor. Continua a recomendação aos ministros da ordem que só permitam que pessoas idôneas sejam enviadas para missão. Na história dos frades podemos encontrar relatos de frades que foram para terras orientais, mas que foram mortos por não respeitarem, por exemplo, a figura de Maomé. Coloco essa informação para que lembremos que o diálogo com o diferente não é fácil, e que a proposta de Francisco era difícil, inclusive, para seus seguidores.

Francisco de Assis e Malik al-Kamel foram homens diplomáticos, que souberam buscar caminhos pacíficos, embora não tenham conseguido seus objetivos, para a convivência entre cristãos e muçulmanos. Em outro documento encontrado numa compilação de textos feita entre os anos de 1280 e 1381 podemos perceber como a visita do cristão ao sultão rendeu frutos, mesmo que pequenos para alguns.

O sultão concebeu grande devoção para com ele, ainda que paupérrimo, nada quis receber do mesmo [sultão] – quanto também pelo fervor do mártirio. E a partir de então ouvia-o de muito bom grado, e rogou que viesse encontrá-lo com frequência. E, ademais, permitiu generosamente a São Francisco e aos companheiros poderem pregar livremente, em qualquer lugar que quisessem. E deu-lhes uma bandeirinha, à vista da qual por ninguém fossem maltratados. Obtida, portanto, esta generosa licença, São Francisco enviou dois a dois aqueles seus companheiros escolhidos por toda parte às diversas plagas dos pagãos.³⁶

A liberdade permitida aos frades para estar em terras muçulmanas

³⁶ Atos do bem-aventurado Francisco e de seus companheiros Cap. XXVII *apud* TEIXEIRA, Celso Márcio (Org). *Fontes Franciscanas*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 1179.

era real, desde que não ofendessem a fé islâmica ou a Maomé, tendo como pena a morte. Essa relação pacífica entre franciscanos e muçulmanos, inclusive sobre estar no oriente médio, perdura até os dias atuais.

Portanto, após observarmos alguns relatos da visita de Francisco a al-Kamel, mesmo num momento em que existe a motivação veemente da Igreja convocando para a batalha, estando sob os comandos do cardeal Pelágio, homem que defendia a ideia de ser pecado tratar com muçulmanos, vemos um Francisco que age por seus princípios e busca a relação pacífica, sendo assim acolhido com todo respeito pelo sultão em terras do Islã.

Ainda quero lançar luzes sobre uma última questão. Na verdade, quero levantar um ponto que deve ser aprofundado em pesquisa, mas que se constatado, nos permitiria valorizar ainda mais o evento estudado.

Ainda que tenha recebido o apoio de seu irmão al-Moazzam, que veio de Damasco com seu exército, al-Kamel não está mais em condições de salvar a cidade, ainda menos de pôr fim à invasão. Além disso, certas aberturas de paz são particularmente generosas. Depois de ter pedido a al-Moazzam para demolir as fortificações de Jerusalém, envia uma mensagem aos franj lhes assegurando que estaria pronto a lhes entregar a Cidade Santa se eles aceitassem deixar o Egito. Mas, sentindo-se fortificados, os franj recusam negociar. Em outubro de 1219, al-Kamel conclui sua oferta: entregaria não somente Jerusalém, mas o conjunto da Palestina a oeste do Jordão, com a verdadeira cruz como prêmio. Jean de Brienne é de opinião favorável, assim como todos os franj da Síria. Mas a decisão final pertence a um certo Pélage, um cardeal espanhol, partidário da Guerra Santa a todo custo, que o papa nomeou à frente da expedição. Nunca, ele diz, aceitará negociar com os sarracenos. E, para acentuar sua recusa, ordena sem demora o assalto contra Damietta.³⁷

Esse trecho relatado no livro “As cruzadas vistas pelos árabes” nos aponta outra questão interessante para reflexão. Historicamente, a visita de Francisco a al-Kamel é considerada inútil, não conseguindo ajudar em nada no conflito. Será? Francisco desembarca no Egito em junho de 1219 e assistirá a tomada de Damietta

³⁷ MAALOUF, Amin. *As cruzadas vistas pelos Árabes*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 210.

em 5 de novembro do mesmo ano, permanecendo por volta de cinco meses na cruzada³⁸. Segundo o relato de Jacques de Vitry, ele se dirige ao acampamento muçulmano pouco tempo depois de ter chegado ao acampamento cristão³⁹, ou seja, por volta dos meses de julho ou agosto, dois meses antes da queda de Damietta. Aqui faço o questionamento que ainda não possui uma resposta concreta, mas que levanta uma possibilidade que necessita pesquisas mais profundas: As propostas de paz feitas por Malik al-Kamel, em outubro de 1219, cedendo a cidade de Jerusalém e parte da Palestina, negadas veementemente pelo cardeal Pelágio, não podem ser frutos, ao menos em parte, do diálogo empreendido por Francisco e o sultão?

A estadia de Francisco no sultanato de al-Kamel não deve ser considerada algo indiferente para os estudos da quinta cruzada. Essa visita pode ter gerado consequências maiores do que as pensadas até o momento. Francisco não passou despercebido pelos textos muçulmanos, da mesma forma que al-Kamel não passou pelos textos franciscanos. Um conselheiro do sultão deixou algo escrito em seus anais onde é citada a figura do famoso monge cristão.

San Bonaventura notava che alla proposta di or-dalia “si era visto scomparire immediatamente sotto gli occhi, uno dei suoi sacerdoti, famoso e d’eta avanzata, appena udite le parole della sfida” (leg M 5,8:1174). Era Il grande místico e direttore spirituale di Melek-el-Kamel, Fakhr al-Din Muhammad Bem Ibrahim Fârisi (morto nel 622 eg.= 1224), Del quale è scritto “che fu consultato dal sultano sull’affare del famoso monaco” (Raheb-el Kebir). Massignon che nel 1951 scopriò il testo arabo identifica Il famoso monaco com san Francesco.⁴⁰

³⁸ LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 59-60.

³⁹ Testimonia minora saeculi XIII – Collectanea Philosophico-Theologica, vol. III, 1926, p. 79-84 *apud* TEIXEIRA, Celso Márcio (Org). *Fontes Franciscanas*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 1426.

⁴⁰ *Dizionario Francescano*. Grafiche Messaggero di S. Antonio Padova, 1983, p. 1664. Tradução própria: São Boaventura observou que à provação proposta “foi visto desaparecer imediatamente sob os olhos, um dos seus sacerdotes, famoso e de idade avançada, apenas acabou de ouvir as palavras do desafio”. (Leg M 5,8:1174) Era o grande místico e diretor espiritual de Malik al-Kamel, Fakhr al-Din Muhammad Bem Ibrahim Fârisi (morto em 622= 1224), do qual está escrito “que foi consultado pelo sultão sobre o discutido com o famoso monge” (Raheb-el Kebir). Massignon que em 1951 descobriu que o texto árabe identifica o famoso monge com são Francisco. (MASSIGNON, Opera Minora, 3,266-267).

OS DESVIOS E VÉUS NA HISTÓRIA: NOVOS CAMINHOS PARA A HISTORIOGRAFIA

Como podemos ver, é possível perceber na história das cruzadas, que caminhos de paz promovidos pelo diálogo estão lá, encobertos pelo sangue derramado, mas não esqueçamos que eles existiram. O estudo das cruzadas a partir dessa perspectiva das tratativas de paz é real, difícil devido à escassez de documentos que tratam de situações de desvio diante do imaginário de um período, mas também possível. A visita de Francisco a al-Kamel é um desvio na história oficial, juntos eles promovem um diálogo, contrariando a concepção geral da época. O cristianismo e o islamismo estão em esferas culturais muito distintas e, para a maioria dos medievais, seria impensável tal atitude. Esse evento apresenta um esquema cultural, um modo de pensar o mundo, próprio e diferenciado, inclusive do meio no qual Francisco vive. A atitude das partes apresenta outra forma de compreender e estar na realidade, apresenta um imaginário novo, mas não assume a posição de cultura central e, sim, se coloca como uma contracultura.

Como afirma o historiador Edward Thompson, no desvio da história conseguimos enxergar as realidades conflitantes, e nesses conflitos podemos perceber a cultura vigente, suas concepções de mundo, suas concepções sociais e políticas, suas relações humanas.

Geralmente, um modo de descobrir normas surdas é examinar um episódio ou uma situação atípicos. Um motim ilumina as normas dos anos de tranquilidade, e uma repentina quebra de deferência nos permite entender melhor os hábitos de consideração que foram quebrados. Isso pode valer tanto para a conduta pública e social quanto para atitudes mais íntimas e domésticas. [...] Quando as disputas no vilarejo eram subitamente deflagradas, os “fatos normalmente escondidos emergiam na superfície”.⁴¹

Durante as cruzadas, fenômeno que predominou por dois séculos no Ocidente e no Oriente, que poderíamos considerar consequência de um imaginário daquele período, ou seja, de um *modus* cultural, temos uma atitude que conflita com o *status quo*, esse desvio nos “abre uma janela”⁴² para enxergamos uma perspectiva

⁴¹ THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora Unicamp, 2001, p. 235.

⁴² Idem Op. Cit., p. 236.

completamente diferente. A partir daí podemos compreender melhor as normas vigentes na sociedade do século XIII, principalmente no que tange à visão sociorreligiosa.

Existem hoje inúmeras obras que tratam das cruzadas, mas o acento dessas análises sempre recai nas diferenças e conflitos entre cristãos e muçulmanos. Como vimos, é possível apresentar outro olhar para esse tema, o olhar do diálogo, percebendo que esse momento da história apresenta mais do que sangue e luta por poder, mas tentativas de paz idealizadas pelas partes religiosas, personalizadas em Francisco de Assis e Malik al-Kamel.

Na historiografia sobre as cruzadas percebemos que as tentativas pacíficas de encerrar os conflitos não são trabalhadas, nem mesmo citadas. Os historiadores trabalharam com profundidade as guerras, as questões políticas e sociais, mas sempre tendo como pano de fundo o ódio entre as partes e a impossibilidade de diálogo. É preciso buscar e valorizar esses acontecimentos na história, quando muçulmanos e cristãos dialogaram em plena cruzada. O respeito humano sobrepujando a ganância e o poder. Uma historiografia conduzida pelo caminho do meio, ou seja, outra leitura das cruzadas apresentando ambos os lados, sem vencedores ou vencidos, um relato para além das batalhas e do conflito, uma análise que evidencia o encontro, apresentando sujeitos que em toda sua densidade buscam alcançar a paz.

Os franciscanos carregam uma forte ligação com esse episódio da história de seu fundador, sabendo que esse momento também faz parte da história da própria ordem. Os frades têm total consciência de que a abertura que possuem hoje para tratar com os muçulmanos, em terras muçulmanas, é proveniente da visita feita por Francisco há 797 anos atrás. A guarda da Terra Santa, dos lugares sagrados dos cristãos, concedida pela Igreja aos franciscanos já há séculos, é também decorrente da abertura que muçulmanos dão aos franciscanos para viver no oriente.

Existem muitos textos, artigos e trabalhos escritos por franciscanos sobre essa questão, mas com o enfoque religioso, tratando o evento enquanto história da Igreja ou diálogo interreligioso, se tornando, portanto, produções na área da teologia ou da ciência da religião. O caminho está aberto para que historiadores também trabalhem as cruzadas sob outras perspectivas, afinal, outros eventos como esse podem ter ocorrido na história e terem sido colocados no esquecimento por questões diversas, cabendo às novas gerações de pesquisadores descortinarem os véus e trilharem os desvios.

REFERÊNCIAS

Fonte:

TEIXEIRA, Celso Márcio (Org). *Fontes Franciscanas*. Petrópolis: Vozes, 2004.

Bibliografia:

CONTI, Martino. *Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

Dizionario Francese. Grafiche Messaggero di S. Antonio Padova, 1983.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto – PUC Rio, 2006

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LECLERC, Eloi. *Francisco de Assis: O retorno ao Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1983.

MAALOUF, Amin. *As cruzadas vistas pelos árabes*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Caminhando pela História da Igreja: uma orientação para iniciantes*. Vol I. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2009.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da Igreja*. Vol I. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1997.

MERLO, Grado Giovanni. *Em nome de São Francisco*. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOSES, Paul. *O Santo e o Sultão - As Cruzadas, o Islã e a Missão de Paz de Francisco de Assis*. São Paulo: Acatu, 2010.

PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1982.

SAHLINS, Marshall David. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SAID, Edward W. *Orentalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora Unicamp, 2001
WHEATCROFT, Andrew. *Infiéis: O conflito entre a Cristandade e o Islã, 638 – 2002*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
